

DEPÓSITO LEGAL

NÚMERO AVULSO 50 CENTAVOS

Série de 12 números, pagamento adiantado, 6\$00

Publicidade a preços convencionais
Editor — Eduardo Lopes
Tiragem: 10 000 exemplares

DIRECTOR
HENRIQUE GALVÃO
CORPO REDACTORIAL
HUGO ROCHA
J. MIMOSO MOREIRA
MÁRIO DE FIGUEIREDO

Redacção e Administração:
PALÁCIO DAS COLÓNIAS
(Palácio de Cristal)
▼ (TELEFONE 89) ▼
Composto e impresso na «Imprensa Portuguesa», Rua Formosa — Porto



ULTRAMAR

ORGAO OFICIAL DA EXPOSIÇÃO COLONIAL

Vai realizar-se, este ano, a I Exposição Colonial Portuguesa. Ela revelará, à maioria dos Portugueses — tarefa árdua, é certo, mas de incalculável utilidade! — o que seja o nosso glorioso e secular Império Ultramarino. Promete ser brilhante e notável essa primeira Exposição, representando, para nacionais e estrangeiros, uma fortíssima pulsação da nossa vida de país europeu, que por todos deveria ser bem sentida.

Obras como esta, precisam do apoio, do amparo de todos os Portugueses. É uma demonstração, clara e bem patente, daquilo que valem os nossos Homens e o nosso País, os nossos colonizadores que, cheios de boa vontade, inteligência e patriotismo, a ela nobremente se consagram.

Coincidindo com a Exposição, realizam-se na invicta capital do Norte, vários Congressos importantes, entre os quais o I Congresso Nacional de Antropologia Colonial, iniciativa, digna de todo o aplauso, da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, presidida pelo eminente homem de ciência Prof. Mendes Corrêa, alma e fulcro de tão notável empresa.

Do referido Congresso participarão, certamente, as nossas mais conhecidas personalidades científicas. Os temas a tratar são dos mais modernos, completos e sugestivos, nos variados campos da Biologia Humana. Entre eles se indica, nas respectivas circulares anunciadoras e convocatórias, o da «Preparação antropológica dos funcionários e administradores coloniais».

É, como se vê, um dos mais curiosos temas, cuja discussão originará, por certo, úteis conclusões e sugestões práticas. A ele me refiro agora somente, dentre tantos respeitantes à Antropologia pura, à Etnografia, à Sociologia, à Pré-história, à Paleontologia, à Linguística, à Cri-

CIÊNCIA E COLONIZAÇÃO

PELO PROF. DR. LUÍS DE PINA

necessidades de progresso. Assim é que, a par da resolução de altos problemas de economia — os que mais avassalam os governadores coloniais! — deve exigir-se, hoje, a resolução de muitos outros respeitando, muito intimamente, o verdadeiro significado da palavra *colonização*, isto é, *Higiene geral e particular, Eugenia, Antropobiologia aplicada, Antropologia geral, Sociologia, Psicologia, etc.*, que bem poderíamos chamar *coloniais*, destinadas, como devem ser, ao estudo das populações indígenas.

Para levar-se a cabo tal empresa colonizadora, necessário se torna começar a olhar-se mais atentamente para a desejada preparação científica dos funcionários e administradores coloniais, efectuada naquele sentido, voto que, já o disse, é formulado nas circulares distribuídas pela Comissão Organizadora do I Congresso Nacional de Antropologia Colonial.

A colonização, sem ciência, jamais chegará a ser empresa civilizadora!

Um outro ponto a ser olhado com muito carinho, é o da investigação científica colonial. O Estado deve ampará-la e promovê-la, por todos os meios ao seu alcance, não esquecendo a particular e utilíssima interferência da *Junta de Educação Nacional, da Sociedade de Geografia, da Escola Colonial Superior, das Universidades, etc.*

A investigação científica, nos diversos e frondosos ramos da Biologia Humana, das Ciências Naturais, etc., é um dos melhores meios de

minologia, à Mestiçagem, à Religião, etc.

A ciência da colonização — verdadeira ciência, difícil e complexa! — não se resume, como bem se

compreende, àqueles sistemas civilizadores de outrora, de há 300 ou 400 anos! Novos rumos se lhe abrem, mercê de novas dificuldades e

M AIS uma vez, foram as obras em curso para a I Exposição Colonial Portuguesa visitadas, em 11 do corrente, pelo ilustre titular da pasta das Colónias.

O Sr. Dr. Armindo Monteiro fez-se acompanhar pelos seus secretários particulares srs. Eduardo Saragga Seabra e Júlio Caiola, pelo Secretário Geral do Ministério das Colónias, sr. dr. Manuel Fratel, e pelo Agente Geral das Colónias, sr. tenente-coronel Júlio Garcez de Lencastre, tendo percorrido, demoradamente, o recinto do futuro Palácio das Colónias, em todas as suas dependências, os jardins e o bosque onde estão sendo instalados pavilhões e stands.

Acompanharam os ilustres visitantes os srs. tenente Henrique Galvão, Mimoso Moreira, Henrique Mouton Osório e Eduardo Lopes, tendo estado no Palácio, a apresentar cumprimentos ao sr. dr. Armindo Monteiro, todas as entidades de representação oficial desta cidade e, bem assim, os presidentes e representantes dos organismos económicos da capital do Norte e os jornalistas.

A visita foi, como se disse, pormenorizada, tendo o sr. dr. Armindo Monteiro e a sua comitiva percorrido toda a vasta área que vai ser ocupada pelo certame e admirado a beleza do conjunto que, facilmente, se pode, já, avaliar.

Após uma larga conferência com o director-técnico da Exposição, o sr. Ministro das Colónias regressou, no rápido da tarde



No Palácio de Cristal, na aldeia indígena de Moçambique — o sr. Ministro das Colónias (X) junto dos Directores-técnico e adjunto da Exposição e membros da Comissão Executiva do certame

dêsse mesmo dia, à capital, tendo, antes, manifestado o propósito de fazer, oportunamente, uma nova visita às obras do certame, visita em que, possivelmente, será acompanhado por alguns membros do Governo.

POR informação do sr. dr. Armindo Monteiro, sabemos que o seu ilustre colega belga, Mr. Paul Tschoffen, visitará, após a inauguração, a I Exposição Colonial Portu-

O ilustre ministro das Colónias da Bélgica, que é um sincero admirador da obra colonizadora de Portugal, será, nessa altura, hóspede do Governo português.

AS grandes viagens às Colónias portuguesas, pela via aérea, estão, decididamente, apaixonando os portugueses.

Há dias, foi Carlos Bieck, o intrépido aviador civil, a ligar a Metrópole à Índia distante, num abraço que comoveu a nação.

Agora, é o tenente Humberto Cruz, aviador distintíssimo e igualmente srrojado, que se propõe dilatar esse abraço até Timor, o mais longínquo domínio do pavilhão verde e vermelho.

A iniciativa está, justamente, interessando todo o País. E a Imprensa, destacando-lhe o significado, tem feito com que o nome do tenente Humberto Cruz seja olhado como o do sucessor do malogrado tenente-coronel Brito Pais, que a Aviação portuguesa chora, ainda.

Ao mesmo tempo que afirma a importância da Aviação portuguesa e o valor pessoal dos nossos aviadores, o belo feito de Carlos Bieck, que não pôde, infelizmente, ser completado, no regresso, e a proeza a que se propõe o tenente Humberto Cruz, demonstram que o Portugal de Além-Mar continua a ser o maior e o melhor mar da Aventura para os portugueses e que uma viagem aérea às nossas Colónias tem, hoje como sempre, o condão de apaixonar a gente portuguesa.

Durante a Exposição
vai realizar-se o

I Congresso de Agricultura Colonial

Organizado pela Liga Agrária do Norte, em colaboração com a Associação Central de Agricultura Portuguesa, vai realizar-se, em 27 de Agosto próximo, como ULTRAMAR já anunciou, o I Congresso de Agricultura Colonial, que funcionará no Palácio das Colónias, durante três dias.

O programa está, assim, elaborado: «I—Culturas, possibilidades agrícolas das Colónias. Culturas mais importantes: algodão, arroz, borraça, cacau, café, cana de açúcar, chá, feijão, frutas, mandioca, milho, oleaginosas, plantas medicinais, plantas têxteis, tabaco e trigo. II—Matas, possibilidades florestais das Colónias: a) seu estado de aproveitamento; b) conservação e reconstrução do capital florestal, protecção da flora espontânea. III—Gados, possibilidades pecuárias das Colónias: a) estado actual da criação dos gados e aproveitamento dos produtos; b) orientação a seguir para o aumento, melhoramento e defesa da produção pecuária. IV—Assistência técnica: a) organização actual dos serviços técnicos oficiais, agrícolas, florestais e veterinários. Recursos de que dispõe e acção que tem exercido; b) melhoramentos dos serviços técnicos oficiais, suas modalidades e recursos necessários. V—Economia agrícola colonial: a) mão de obra; b) crédito agrícola e organização associativa; c) acondicionamento e transporte dos produtos; d) mercado. VI—Problemas de coordenação económica; a) da produção de oleaginosas, milho, trigo e arroz; b) da criação de gados. VII—Problemas agrícolas coloniais, perante a economia nacional.»

Os congressistas terão a redução de 45 % nas viagens de caminho de ferro, bem como outras facilidades.

As comunicações e teses devem ser enviadas à Associação Central de Agricultura Portuguesa, Largo do Chiado, 8, Lisboa, ou à Liga Agrária do Norte, Praça Guilherme Gomes Fernandes, 10, Pôrto, ou, ainda, à Secretaria Geral da Exposição Colonial Portuguesa, até 30 de Junho próximo, o mais tardar.

O programa de festas e cerimónias a realizar, será, oportunamente, publicado.

O custo da inscrição, como congressista, é de 30\$00. As pessoas de família dos congressistas, podem, igualmente, inscrever-se, sendo, nesse caso, o custo de inscrição, para cada pessoa, de 10\$00.

“PORTUGAL COLONIAL”

O número de Março da revista *Portugal Colonial* faz referências elogiosas ao aparecimento do ULTRAMAR e trancreve o artigo que publicamos intitulado *Timorenses na Exposição* do nosso ilustre colaborador o Prof. sr. dr. Mendes Corrêa, director do Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto.

Na *Portugal Colonial*, os nossos agradecimentos.

propaganda colonial e valorização do nosso inestimável e extenso Império Ultramarino.

Pouco se tem feito nesse campo. Uma ou outra tentativa pessoal ou empresa colectiva, entre as quais a última *Missão Científica da Universidade de Coimbra* a Angola, são, contudo, dignas de registo.

Mas, fora isso, que mais poderemos apontar, não esquecendo as de carácter puramente médico?

Tal como fazem outros países colonizadores, devemos organizar missões científicas individuais ou colectivas aos nossos territórios ultramarinos, se não quisermos ser apodados, lá fora, de pouco apreciadores do que temos!

Referindo-me, somente, à Anatomia e à Antropologia, devo dizer que alguns estudos têm sido realizados por diversos cientistas, mencionando, entre outros, os de Ferraz de Macedo, Américo Pires de Lima, Eusébio Tamagnini, Mendes Corrêa, J. A. Pires de Lima, Hernani Monteiro, Barros e Cunha, Constâncio Mascarenhas, A. Ataíde, etc.

A esse propósito, é justo indicar um trabalho elaborado pelo Prof. Mendes Corrêa, destinado à *Exposição Colonial de Anvers*, em 1930, intitulado *«L'Université de Porto et les Colonies portugaises»*.

Mas, o que está feito, é infinitamente pouco, ao pé do que infinitamente muito que há a fazer!

Os Institutos científicos portugueses poderiam encher inúmeras páginas de revistas nacionais e estrangeiras sobre Anatomia e Antropologia dos indígenas das nossas colónias.

E deve notar-se, contudo, que esse material de estudo é pouco frequente na Europa e só de longe a longe aparece. A Antropologia óssea, a Antropologia das partes moles e a do vivo estão por fazer! De Anatomia pura contam-se, pelos dedos duma só mão, os trabalhos realizados.

Todavia, não se tem poupado a esforços os cientistas portugueses que dirigem tais Institutos, como os Prof.^{as} J. Pires de Lima, Mendes Corrêa, etc. A propósito dessas tentativas de recolha de material antropológico colonial já o Prof. Hernani Monteiro escreveu algumas palavras numa monografia sobre o *Instituto de Anatomia do Pôrto* (1930).

Muitos pedidos têm sido enviados a entidades oficiais ou particulares das nossas colónias; mas, como certas personagens bíblicas, *aures habent et non audient!*

Depois, acontecem casos como estes dois, que passo a narrar: tendo eu sido enviado a Paris e Varsóvia, como bolseiro da Junta de Educação Nacional, a-fim-de estudar certa parte da miologia na série dos Primataes, desde os Lemurianos ao Orango e Gorila, os Professores com quem ali trabalhei e mos facultaram, mostraram-se altamente surpreendidos por não possuírmos nos nossos laboratórios animais dessas espécies, tanto mais que alguns se encontram, mais ou menos abundantemente, em determinadas colónias portuguesas! Contudo, muitas dezenas deles se encontram, devidamente conservados em formol e outros líquidos, no Instituto de Anatomia de Varsóvia, pagos, alguns, a peso de ouro! E, no entanto, a Polónia não tem colónias!

Para documentar o que acabo de referir, basta dizer-se que no Instituto de Anatomia do Pôrto há um só exemplar de Gorila (esqueleto incompleto), devido à gentileza dum antigo discípulo da Escola Médica desta cidade, que o ofereceu há poucos anos!

Por idênticas ofertas de particulares amigos se conserva nos Institutos de Antropologia e Anatomia do Pôrto algum material colonial, que tem sido já, mesmo assim pouco, examinado e estudado por alguns dos investigadores citados.

Um outro caso, que prometi contar, é este: um distinto cientista italiano, Prof. Lidio Cipriani, realizou importantes investigações antropológicas em África, desde 1927 a 1931, colhendo um notável material de estudo, que está sendo aproveitado por ele e alguns dos seus colaboradores e discípulos, publicando-se valiosos trabalhos. Um desses colaboradores, a Dr.^a Cláudia Massari, num recente estudo sobre crânios de Moçambique, publicado no *Archivio per l'Antropologia e la Etnologia* (vol. LXII—1932) refere que os ditos crânios os ficou devendo aquele Professor italiano à amabilidade de funcionários portugueses da Beira, cujo nome regista!

Quere dizer: o material de estudo antropológico das nossas colónias é oferecido aos estrangeiros, continuando lamentavelmente vazios os laboratórios portugueses e esquecidos os estudosos nacionais!

Mais devo frizar que são em número de 21 os esqueletos completos de indígenas de Moçambique assim recolhidos pelo Prof. Cipriani!

Um dos meus trabalhos sobre antropologia de indígenas da daquela possessão foi realizado em crânios existentes na *Ecole d'Anthropologie de Paris*, onde também estudei uma série craniológica dos Açores.

Por tudo isto se vê quão necessário se torna, como disse noutro ponto deste artigo, olhar-se muito atentamente para a investigação científica colonial, organizando missões especiais, devidamente apetrechadas e dirigidas.

Oxalá a I Exposição Colonial Portuguesa seja a precursora dessas missões e demais empresas científicas!

Pôrto, 10/4/934.

PROF. DR. LUÍS DE PINA.



Durante a Exposição
vai realizar-se o

I Congresso Nacional de Antropologia Colonial

Por iniciativa do ilustre professor e director da Faculdade de Ciências do Pôrto sr. dr. Mendes Correia, realizar-se-á, como já se disse durante a I Exposição Colonial Portuguesa, o I Congresso Nacional de Antropologia Colonial. Foi, já, elaborado o programa provisório, do qual faz parte o estudo das populações das nossas Colónias, nos vários domínios das ciências antropológicas.

O Congresso fica repartido nas três seguintes secções: «1.^a, antropologia física; biologia étnica; cruzamentos, grupos sanguíneos; 2.^a, etnografia, folclore, linguística, psicologia, sociologia, religiões; 3.^a, prehistória e arqueologia, geografia humana, migrações, demografia, criminologia, aclimação».

Presidem a essas secções, respectivamente, os srs. professor J. A. Pires de Lima, dr. Manuel Alves da Cunha e conde de Penha Garcia. A comissão organizadora do Congresso é composta pelos srs. profs. drs. Mendes Correia, Hernani Monteiro, Alfredo Ataíde, Luis de Pina e Joaquim R. dos Santos Júnior.

O Congresso, além dos assuntos de livre escolha dos congressistas, versará, especialmente, os seguintes temas: «classificação das raças da Guiné, Angola e Moçambique; valor social das raças indígenas; hereditariedade nos cruzamentos étnicos, psicologia dos mestiços e factores da criminalidade nas colónias; o povoamento dos territórios coloniais e a aclimação dos europeus, as grandes migrações africanas, a antropologia de Timor e a divisória de Wallace, a preparação antropológica dos administradores e funcionários coloniais, necessidade de pesquisas arqueológicas nas colónias.»

Termina no dia 31 de Maio próximo o prazo para a indicação dos títulos de comunicações ao secretário do Congresso.

Fomento de Angola

Vai ser construído um ramal de caminho de ferro de Cassoalala ao Dondo

Segundo comunicação vinda de Angola, já começaram os estudos do traçado do caminho de ferro de Cassoalala-Dondo e do local para a construção da ponte sobre o rio Luçala.

Este ramal vai beneficiar as regiões de Cambambe, Cuissama e Libolo, pois segundo estatísticas recentemente feitas vê-se que o importante tráfego dos géneros chamados pobres, cobre bem os encargos do referido ramal devendo ainda dar grande rendimento.

Esse estudo, depois de concluído será remetido à apreciação do Conselho Superior de Obras Públicas e Minas das Colónias e, por último, à aprovação do ministro.

Uma carta para Garcia

(Traduzido de ELBERT HUBBARD)

Publica-se e promove-se a sua expansão pela vantagem incontestável de dar a conhecer uma lição da energia e amor ao trabalho que muitos portugueses precisam aprender. Oxalá os que a lerem a sintam e entendam.

Em toda a guerra de Cuba há um homem que aparece no horizonte da minha memória como Marte no perihélio.

Quando rebentou a guerra entre a Espanha e os Estados-Unidos, era necessário entrar rapidamente em comunicação com o chefe dos insurrectos cubanos. O general Garcia encontrava-se nas montanhas agrestes de Cuba, mas ninguém sabia onde. Não havia meio de comunicar com ele, nem pelo correio nem pelo telégrafo. O presidente dos Estados-Unidos tinha que assegurar, com a maior urgência, a sua cooperação. Como proceder?

Alguém disse ao Presidente: «Há um homem que se chama Rowan, que talvez possa encontrar Garcia, seventura há alguém que o possa fazer».

Mandou-se chamar Rowan e deu-se-lhe uma carta para entregar a Garcia. Rowan pegou na carta, guardou-a numa bolsa impermeável, colocou-a sobre o coração, quatro dias depois desembarcou, de noite, dum pequeno barco, na costa de Cuba, internou-se no mato. Ao cabo de três semanas saiu pelo outro lado da ilha, depois de ter atravessado a pé um país hostil e de ter entregado a carta a Garcia.

Não é contar como ele fez tudo isso que eu pretendo.

O ponto que desejo fazer notar é este: o presidente Mac-Kinley deu uma carta a Rowan para entregá-la a Garcia. Rowan pegou na carta e não perguntou: «¿Onde é que ele se encontra?»

Ora aí está um homem cuja figura devia ser esculpida em bronze e colocada em todas as escolas da terra. Não é de aprender nos livros que a juventude necessita, nem de instrução acerca disto ou daquilo, mas de temperar os nervos, ser leal, agir com rapidez, concentrar as energias, fazer o que deve: Levar uma carta a Garcia.

O general Garcia já morreu; mas ficaram ainda outros Garcias.

Não há ninguém, que se tenha esforçado por levar a cabo uma empresa que necessite de muitas mãos, que não se tenha sentido, em certas ocasiões, quasi desanimado pela imbecilidade da maioria dos homens, pela sua inabilidade ou falta de vontade para concentrar a atenção numa coisa e fazê-la.

Cooperação deficiente, uma tonta falta de atenção, indiferença repugnante e trabalho feito com mediocre entusiasmo, são a regra. Nenhum homem triunfa se, dum modo ou doutro, ou por meio de ameaças, não

forçar ou subornar outros homens para ajudá-lo, a não ser que Deus, na sua bondade, faça um milagre e lhe envie um anjo de luz como auxiliar.

Experimente o leitor: está sentado no seu escritório, tem seis empregados à sua disposição. Chame qualquer deles e diga-lhe: «Tenha a bondade de consultar uma enciclopédia e escrever uma nota breve sobre a vida de Correggio». O empregado, dócilmente, dirá: «Sim, senhor». ¿Julga que irá, sem mais demora, cumprir a tarefa? Nunca. Olhará para o leitor, com os olhos mortiços, e fará uma série de perguntas como estas:

¿Quem foi Correggio?

¿Que enciclopédia hei de consultar?

¿Onde está a enciclopédia?

Não é para isto que eu sou empregado.

¿Não querará dizer Bismarck?

¿Porque é que o Carlos não escreve a nota?

¿Já morreu?

¿Há pressa?

¿Não será melhor que lhe traga o livro para ver?

¿Para que deseje essa nota?

Aposto dez contra um que, depois do leitor ter respondido à pergunta e explicado o modo de obter a informação e a razão pela qual a necessita, o empregado irá chamar outro para que o ajude a encontrar Garcia e voltará dizendo que esse homem não existe. E' claro, posso perder a aposta, mas, na maioria dos casos, ganhá-la-ei.

Se o leitor for esperto, não perderá o tempo a explicar ao seu «ajudante» que Correggio está na letra C da enciclopédia e não na letra K, e, sorrindo amavelmente, dirá: «deixe» e por si próprio arranjará a nota.

Esta incapacidade para a acção independente, esta estupidéz moral, esta fraqueza de vontade, esta má disposição para pôr mãos à obra, são coisas que não de afastar para um futuro longínquo o socialismo puro. ¿Se os homens não agem por si próprios, que farão quando o benefício dos seus esforços for para todos?

Parece que é necessário um capaz armado de garrote; e o temor de serem despedidos no sábado à noite é o que retém muitos operários nos seus postos.

Peça por anúncio um taquígrafo. Em dez que se apresentam, nove não sabem escrever correctamente, nem pontuar, nem julgam isso necessário.

¿Poderá algum deles escrever uma carta para Garcia?

«¿Vê o senhor aquele guarda-livros?» dizia-me o chefe dum grande fábrica.

«¿Sim, que tem?»

«E' um magnífico guarda-livros; se o mandar, porém, tratar dum negócio na cidade, pode ser que cumpra o encargo, mas também pode suceder que, depois de ter entrado em quatro cafés que se encontram no caminho, quando chegar à rua indicada, se tenha esquecido do que tinha a fazer.»

¿Poder-se-á confiar a tal homem a missão de levar uma carta a Garcia?

Recentemente ouyia eu lamentar, com uma simpatia simulada, a sorte dos operários oprimidos nas fábricas e daqueles que, sem casa, buscavam um emprego honesto. Naturalmente as lamentações eram acompanhadas de palavras duras para os homens que estão no poder.

Ninguém diz nada do chefe que envelhece antes de tempo, pelo vão intento de lograr que os inúteis façam um trabalho inteligente e pela luta prolongada e paciente contra os empregados que não fazem nada, desde que ele volta as costas.

Todas as lojas e fábricas se estão depurando constantemente dos maus elementos. O chefe com frequência despede os empregados que demonstraram a sua incapacidade para fazer prosperar os negócios, e escolhe outros. A selecção continua, quando os tempos correm bons e quando correm maus. E' mais apurada quando os tempos vão maus e o trabalho escasseia. Mas sempre será despedido o incompetente ou indigno. E' a sobrevivência dos mais aptos. O próprio interesse leva o chefe a conservar os melhores, aqueles que são capazes de levar uma carta a Garcia.

Conheço um homem dotado de brilhantes qualidades, mas que não tem habilidade para tratar dum negócio seu e é completamente incapaz de cuidar dos de outrem, porque constantemente traz consigo a vã suspeita de que o seu chefe o oprime ou pretende oprimi-lo. Não pode mandar nem obedecer. Se lhe dessem uma carta para Garcia, provavelmente a resposta seria: «Leve-a o senhor».

De noite, este homem vagueia pelas ruas, em busca de trabalho. O vento sopra-lhe no rosto esburcado. Mas ninguém, que o conheça,

se atreve a empregá-lo, porque é um facho aceso de descontentamento; impenetrável à razão, a única coisa que o pode impressionar é a extremidade dum bota número nove, de sola grossa.

Bem sei que um ser assim, disforme moralmente, é tão digno de lástima como o estropiado físico. Mas é necessário também que, na nossa comisseração, não nos esqueçamos dos homens que se esforçam por levar a cabo uma grande empresa e cujas horas de trabalho, entre apupos, os envelhecem prematuramente na luta contra os frios indiferentes, os imbecis ociosos e os ingratos sem coração.

¿Expressei-me com dureza?

E' possível que sim; mas, quando todos mostram piedade pelos maus, eu desejo dedicar uma palavra de simpatia ao homem que triunfou, ao que, contra os maiores obstáculos, dirigiu os esforços de outros, e que, tendo chegado ao fim da empresa, verifica que nela só escassamente ganhou alimentos e roupa.

Transportei às costas comida de rancho, trabalhei à jorna, fui chefe de trabalhadores. Sei o que se pode dizer a favor de pobres e ricos, dirigentes e dirigidos.

Não há excelência, por si, na pobreza; os andrjos não servem de recomendação. Nem todos os chefes são rapaces e arbitrários, assim como nem todos os homens pobres são virtuosos.

O meu coração está com o homem que executa a tarefa que lhe incumbem, esteja o patrão ou não esteja na loja.

Ao homem que, quando se lhe entregá uma carta para Garcia, obedientemente pega nela, sem fazer perguntas desnecessárias e sem a intenção oculta de a deitar na valeta mais próxima, ao homem que não faz outra coisa senão entregar essa carta — a esse homem nunca falta trabalho nem precisa declarar-se em greve para obter salários mais elevados.

E' desses homens que a civilização necessita em larga escala. Tudo quanto esses homens peçam, deve ser-lhes concedido. E' desses homens que as cidades, as vilas, as aldeias, as repartições, as lojas, os escritórios e as fábricas precisam.

O mundo clama por esses homens; e, na verdade, o que é necessário é o homem que saiba levar

Uma carta para Garcia.

Elbert Hubbard.

UMA INICIATIVA NOTÁVEL

Vai ser publicada, pelo
Arquivo Histórico Colonial,

a "Coleção dos clássicos da expansão portuguesa no Mundo"

Pela pasta das Colónias, foi publicado há dias, no *Diário do Governo*, o seguinte decreto-lei:

«Reconhecendo a conveniência de se prosseguir activamente na obra de propagação colonial encetada;

Considerando que um dos objectivos dessa propagação deve ser o de avivar a memória da grande epopeia nacional ultramarina e do largo papel desempenhado por Portugal na história do mundo, para o que a divulgação das obras dos clássicos da nossa expansão colonial deve considerar-se meio de eficiência certa;

Usando da faculdade conferida pela 2.ª parte do n.º 2.º do artigo 10.º, da Constituição, o Governo decreta e eu promulgo, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º—Pelo Arquivo Histórico Colonial será iniciada imediatamente a publicação de uma «Coleção dos clássicos da expansão portuguesa no Mundo», conforme o plano e instruções do Ministro das Colónias.

§ único.—Esta publicação será dirigida e administrada pelo director do referido Arquivo, que por este serviço especial perceberá a gratificação mensal de 400\$, acumulável com quaisquer outros vencimentos, paga pela mesma verba por que o forem as demais despesas com a publicação.

Art. 2.º—Na impressão dos volumes da «Coleção dos clássicos da expansão portuguesa no mundo» observar-se-á o disposto na 2.ª parte do § 1.º do artigo 46.º do decreto-lei n.º 21-988, de 15 de Dezembro de 1932.

Art. 3.º—De cada volume far-se-á em regra, além da edição para o público, uma edição especial, numerada, para eruditos; uma e outra serão expostas à venda, reservando-se para depósito e distribuição gratuita por entidades oficiais e bibliotecas o número conveniente de exemplares.

Art. 4.º—A Agência Geral das Colónias será depositária para a venda dos volumes editados; o preço destes será fixado, para a edição especial, em razão do custo e interesse da obra, e para a vulgar, em razão do custo e do interesse que haja na sua difusão.

Art. 5.º—As despesas com a publicação, amortizadas pelas receitas provenientes da venda de exemplares das diferentes edições, constituirão encargo da Agência Geral das Colónias, em cujo orçamento de despesa será inscrita a verba que se tornar necessária para a execução deste decreto.

Art. 6.º—As receitas e a verba referidas no artigo anterior serão entregues, na medida das necessidades ocorrentes, ao director do Arquivo Histórico Colonial, constituindo na totalidade um fundo por que fica responsável perante a Agência Geral, como administrador da publicação, e que será extinto no prazo legal, relativamente a cada ano económico, pela documentação, devidamente legalizada, da conta das respectivas despesas.»

Foi, também, publicada uma portaria que estabelece o plano e manda observar as instruções a que tem de obedecer a publicação da «Coleção dos clássicos da expansão portuguesa no mundo».

Alguns dos Mss.

da

Biblioteca Municipal do Pôrto

relativos ao Ultramar Português,

de A. Magalhães Basto

A Biblioteca Municipal do Pôrto possui diversos *Manuscritos* de grande interesse para a História das viagens e das explorações ultramarinas portuguesas. Embora alguns já estejam publicados, nem por isso deixam todos eles de ser dignos da mais viva atenção dos estudiosos.

Valiosíssimo pela sua raridade era o *Livro de Duarte Barbosa* (Ms. 840), que há mais de 80 anos de lá foi roubado! Herculano ainda viu esse exemplar e deixou-nos dele uma notícia bastante minuciosa no n.º 14 do *Repositório Literário da Sociedade Literária Portuguesa* (1 de Maio de 1835). Note-se de passagem que aquele *Livro*, precioso pelas notícias que dá do Oriente, está publicado desde 1554 em italiano na coleção famosa de Ramúcio, mas só em 1813 teve uma edição portuguesa!

Extraordinário desinteresse o nosso pelas mais lídimas glórias nacionais! Lembra-nos o que se dá com a *Relação do Reino do Congo*, de Duarte Lopes. Essa obra mereceu as honras de ser editada: duas vezes em latim (Francfort, 1598 e 1624), uma em italiano (Roma, data duvidosa), uma em holandês (Amsterdão, 1596), uma em inglês (Londres, 1597), uma em francês (Bruxelas, 1883) e — vergonha é dizê-lo! — nenhuma em português!

Para se avaliar do interesse dessa *Relação* basta saber-se que Léon Cahun, autor e prefaciador da tradução francesa, afirma que Duarte Lopes mostra ter descoberto 280 anos antes da viagem de Speke o segredo das nascentes e cheias do Nilo, do mesmo modo que conheceu também muito antes de Stanley as nascentes do Congo e o caminho por esse explorador seguido na sua viagem do Indico ao Atlântico!...

Se infelizmente já não existe na Biblioteca Municipal do Pôrto o *livro de Duarte Barbosa*, outros Mss. muito valiosos lá se encontram sobre a Guiné, Angola, Moçambique, Índia, Brasil.

Daremos notícia de alguns dos mais inportantes.

Ms. n.º 804 — *Roteiro de Dom Vasco da Gama*. Exemplar único! Cópia da primeira metade do século XVI. É uma espécie de Diário de bordo, escrito por um companheiro do Gama, de nome Alvaro Velho. Há duas edições portuguesas desta obra (1838, por Diogo Kopke; 1861, por Herculano); uma edição francesa, trad. de Ferdinand Denis (1855); uma inglesa, trad. de Ernesto Ravenstein, e outra alemã, trad. de Franz Hümmersch. Se a morte não tivesse arrebatao tamedo o Dr. Luciano Pereira da Silva, talvez não tivesse ficado apenas em projecto uma nova edição portuguesa deste notabilíssimo livro que, segundo escreveu aquele ilustre Professor, é considerado pelos investigadores estrangeiros, que tam interessadamente o traduzem e comentam, «como um dos mais valiosos e emocionantes documentos da história da civilização mundial».

Ms. n.º 423 — D. João de Castro — *Roteiro da viagem que fez* (D. Garcia de Noronha) *desde Goa até Diu*.

Nem esta, nem outra cópia do mesmo *Roteiro* existente na Biblioteca Municipal do Pôrto (Ms. n.º 472), serviram para a edição que dele fez o incansável Diogo Kopke, em 1843.

Ms. n.º 603 — *Tratado breve dos rios de Guiné do Cabo Verde, desde o Rio Senagal até ao baixo de Sant'Ana, de tôdas as nações de negros que há na dita costa e de seus costumes, armas, traços, juramentos, guerras — feito pelo Capitão André Alvares de Almada, natural da ilha de Santiago de Cabo Verde, prático e versado nas ditas partes. Ano de 1594*.

Refere-se a esta obra o A. do Catálogo dos Mss. dos Mosteiros de Tibães e de S. Bento da Saúde, em 1795, afirmando que, por falar o Capitão Alvares de Almada como testemunha de vista de quanto escreve e ser muito minucioso no que relata, não seria fácil «achar outro tanto em algum tratado geográfico dos que correm impressos».

Foi publicado em 1841 por Diogo Kopke, o malogrado Professor de Matemática da Academia Politécnica do Pôrto e apaixonado e erudito investigador já citado.

Anteriormente fizera-se uma outra edição muito imperfeita. Este *Tratado breve dos rios da Guiné* já prestou serviços na *Questão Bolama*, pois foi invocado por Portugal como um dos fundamentos dos seus direitos.

Ms. n.º 190 — Bernardino António Alves de Andrade, tenente reformado do Regimento de Freire de Andrade, escreveu em 1796: — 1.º *Dissertação sobre a Praça de S. José, ilha de Bissau, e seus adjacentes e terra firme de Guiné*; 2.º *Representação ao Ministro expondo-lhe as riquezas e imensas vantagens que Portugal podia auferir da colónia*; 3.º *Mapas das fazendas com*



que se forma o câmbio na Praça de Bissau... e tabelas de preços e comparativos».

Está inédito, segundo cremos.

Citaremos ainda:

Relativamente a Angola, as *Memórias do Reino de Angola e suas conquistas escritas em Lisboa por D. Francisco Inocência de Sousa Coutinho, Governador e Capitão General que foi no dito Reino*.

Foram escritas nos anos de 1773 a 1775. Traz as instruções que levou de El-Rei.

É autógrafo (Último papel do cod. n.º 437).

Para Moçambique: *A Descrição da Capitania de Moçambique em 1789* — (incompleto Ms. n.º 588) feita pelo Capitão de Artilharia Jerónimo José Nogueira de Andrade, e publicada, sobre outro Ms., no *Investigador Português* de 1815, n.º 46 a 54.

Para a Índia: «*Notas sobre o estado do Comércio de Diu e Damão com a Capital de Goa. Cópia sem data nem assinatura*» (Ms. 437, papel n.º 7).

Para o Brasil: Os Mss. n.º 1041 e 610 — cada um deles intitulado *Descrição Geográfica da América Portuguesa*; e o n.º 119 — *Roteiro Geral com largas informações de toda a Costa que pertence ao Estado do Brasil e a descrição de muitos lugares dela, especialmente da Baía de Todos-os-Santos* — são três cópias diversas da narrativa que Gabriel Soares de Sousa escreveu aí por 1587. F. A. de Varnhagen classifica essa obra como «a mais admirável de quantas em português produziu o século quincentista», e afirma que, se esse livro tivesse sido publicado logo depois de escrito, e não apenas no século passado, o nome do seu autor ter-se-ia tornado tam popular nas letras pátrias como o de João de Barros.

Muitos outros códices valiosos para a história do ultramar português existem na Biblioteca Municipal do Pôrto, não querendo nós deixar de citar entre esses a interessantíssima coleção de *Diários* do grande e patriótico sertanejo Silva Pôrto.

Todos esses Mss. estão pedindo especialistas portugueses que os estudem e publiquem, se o merecerem. Por honra de Portugal é preciso que esses especialistas e investigadores não tardem, para não continuarmos dando ao mundo o espectáculo tristíssimo do nosso desleixo em assuntos que, se interessam ao estrangeiro como se tem visto, muito mais interessam aos nossos direitos históricos de nação descobridora e colonizadora!



Em dia de sessão solene a 1.ª Companhia Infanteria Indígena de Angola, ao passar pela Junqueira, em Lisboa.



EXPOSIÇÃO COLONIAL
PORTO JUNHO 1934

UMA AFIRMAÇÃO

A I Exposição Colonial Portuguesa

será inaugurada, impreterivelmente em 15 de Junho próximo

O director técnico da Exposição Colonial fez publicar, há dias, na imprensa diária, a seguinte nota officiosa:

«Há cerca de 15 dias tivemos conhecimento dum boato mal intencionado que se referia ao atrazo das obras da Exposição Colonial, concluindo que esta não poderia ser inaugurada na data fixada (15 de Junho).

Como o boato podia induzir em erro os srs. expositores, esclarecemos que era infundado e que a Exposição abriria, completamente concluída, no dia marcado.

O boato começa a transformar-se em campanha, movida de-certo por pessoas que ignoram o rendimento do trabalho dos outros. É uma ocupação grata a quem não tem que fazer e aos que nada sabem fazer.

Como é muito fácil organizar campanhas em Portugal, visto que a fé que escasseia perante o trabalho útil, abunda a favor dos derrotistas de toda a espécie, novamente e pela última vez, levamos ao conhecimento dos srs. expositores e do público:

1.º — As obras da Exposição estão adiantadas e conduzem-se no ritmo que convém à data da inauguração. E tanto assim é que nem sequer se prevê a necessidade de horas extraordinárias de trabalho.

2.º — A Exposição será, por consequência, inaugurada em 15 de Junho e cumpridas inflexivelmente as disposições regulamentares que se referem a prazos de conclusão dos stands (1 de Junho).

3.º — Só podem ter uma ideia exacta acerca do estado dos trabalhos aqueles que neles colaboram, pelo que não se deve acreditar nas informações do primeiro passageiro que, de mãos nos bolsos, percorre as obras em ar de crítico.

4.º — O Director da Exposição não faria uma declaração desta natureza, se não contasse com bons elementos para poder cumprir o que promete.

É visto que não dá mais trabalho, roga-se a todos que acreditem na pontualidade da inauguração pelo menos com tanta confiança, como a que dispensam aos boatos dos mal-dizentes. — (a) Henrique Galvão.»

Um Império Colonial
representa
a Alma e a Vida dum Povo

A nossa história colonial é um repositório de ensinamentos. A concepção imperialista do grande Afonso de Albuquerque encontra-se, mais tarde, nos países conquistadores e coloniais, como a Inglaterra, a França, etc., e nos nossos dias com o tentamen da Itália e do Japão.

Temos tido épocas em que vibramos de quente patriotismo, por vezes, levado ao rubro; outras, as mais tristes, de esmorecimento, caindo numa sonolência de anos e, só, agora, despertamos e, afanosamente, tentamos recuperar um precioso tempo perdido em dolorosas chicanas internas. As exposições coloniais estão em moda e, agora os seus muitos e variados méritos, tem por finalidade ensinar ao povo o valor real daquele nosso império ultramarino e a justa posição que nos compete no meio das Nações civilizadas. Daí, esse ensinamento que não foi completo nas escolas e o mostrar-se que, Portugal, é uma potência e, portanto, necessita uma eficiente defesa e a manutenção duma marinha de guerra composta de unidades de primeira ordem que possam atender à defesa de extensos litorais e ilhas e, também, patrulharem as «estradas marítimas», assegurando o seu tráfico. Eis, o porquê do nosso programa naval estar paralelamente ao lado do programa colonial como fazendo uma «frente única» dum plano concebido e de desenvolvimento comercial, agrícola, industrial e militar.

O actual movimento pró-colónias bem merece da Pátria e nesse impulso dado ao «momento colonial português», com um sentimento de verdadeiro entusiasmo, muito lucraremos, por que as colónias são forças contribuindo para os progressos incessantes da riqueza pública e até, para a conquista dos mercados mundiais. Hoje, elas são agrícolas, amanhã elas serão industriais e depois, capitalistas, isto é, de produção capitalista e, sempre, escolas de novos homens-valores e com ideias novas.

A concorrência comercial, a invasão das colónias pelas indústrias de insignificante mão de obra e a infimos preços de venda, a própria decadência textil em determinados países, os progressos, sempre, crescentes, nas marinhas mercantes da Itália e do Japão, tudo nos indica que há novos métodos com o objectivo da conquista duma hegemonia industrial e predomínio comercial auxiliados pelas importâncias das potências navais. Por um outro lado, a proliferação das raças, é a razão de ser das diversas atitudes em que se manifestam, audaciosamente, as doutrinas duma maior expansão territorial e até, o domínio de certos mares. Para a gravidade da situação concorrem diversos factores: religioso, racista e o excesso de população, o preço da mão de obra, a produção industrial com o seu novo espirito e os seus métodos, a política monetária, etc., etc. São muitos e complexos como se verifica e a opinião pública desconhece os fios da meada em que se resolve os des-

tinuos desta pobre e mísera humanidade, ainda, mal-ferida por tantos males e, em parte, descoroçada com os resultados difíceis em tantos Congressos e não menores, Conferências. Por toda a parte há inquietações diante da intensidade dos *dumpings* e do agravamento dos *de-ficits* das balanças comerciais. Vamos, pois, lançarmo-nos ao trabalho compensador e fazendo levantar, bem alto, as possibilidades económicas portuguesas do ultramar e as quais apresentam uma perspectiva que não pode, senão, diminuir aquelas inquietações, numa previdente política comercial de equilíbrio, fortalecendo o nosso prestígio colonial e a autoridade que superintende no organismo nacional, servindo os interesses do povo português unido e, também, forte na sua consciência de Povo de belas tradições.

Os comodistas, os oportunistas e os cépticos que fiquem à lareira, esperando os êxitos completos das «exposições coloniais». Os sinais do tempo são dum intenso trabalho aliado a uma grande fé. Entretanto, procuremos o desenvolvimento de todas as forças vivas das nossas províncias ultramarinas e ensinemos ao povo que o problema colonial é toda a Alma e toda a Vida deste nosso querido Portugal.

J. J. J.

Fomento de Cabo Verde

Foi concedido, para obras várias naquela Colónia, o empréstimo de 15:000 contos

Foi, há dias, assinado o contrato com a Caixa Geral de Depósitos para o empréstimo de 15.000 contos para as obras de fomento em Cabo Verde, como seja arborização do arquipélago e irrigação para o desenvolvimento da sua agricultura, compra de um barco para os serviços de cabotagem entre as ilhas do mesmo arquipélago, construção e reparação de estradas, construção de edifícios para escolas, etc.

Por parte daquela Colónia assinou o contrato o sr. capitão João do Carmo, que está exercendo o cargo de chefe de repartição de Cabo Verde e Guiné, no ministério das Colónias.

UMA IDEIA OPORTUNA

A Associação dos Comerciantes do Porto

avivrou a emissão de estampilhas postais alusivas à Exposição

A Associação dos Comerciantes do Porto, tendo reconhecido que o melhor e mais económico meio de propaganda do certame a realizar no Palácio de Cristal seria o da emissão de estampilhas alusivas a tão patriótico empreendimento, acaba de officiar, assim, ao sr. ministro das Obras Públicas e Comunicações, sugerindo-lhe a ideia dessa emissão, com a clausula da sua afixação obrigatória na correspondência que, durante o período de duração da Exposição Colonial, transite no continente, ilhas e Colónias:

«Sr. Ministro das Obras Públicas e Comunicações — Lisboa — Excelência: A Associação dos Comerciantes do Porto, reconhecendo o alto significado de ordem moral, material e patriótica que da realização da Exposição Colonial resulta para os nossos domínios ultramarinos e para o país, em prestou, desde começo, toda a sua boa vontade, carinho e auxilio em prol de tão grandioso empreendimento; e, através da sua Direcção — cujos componentes encaram, acima dos seus interesses individuais, o progresso e bom nome de Portugal — vem fazendo uma propaganda intensiva em prol do certame em organização, que honrará a nossa pátria, cujas tradições gloriosas nunca serão de mais exaltadas.

Dentro das possibilidades que esta agremiação tem, a propaganda tem sido produtiva e orientada sempre pelos altos interesses do país sem se subordinar a preconceitos ou paixões que não sejam inspiradas no sentimento pátrio.

Porém, esta propaganda, útil e necessária, não se deve limitar ao estreito âmbito dos recursos e possibilidades de que dispõe a nossa colectividade. Ela deve ir mais longe; precisa de ser mais projectada.

O carinho e atenção que os vários departamentos governamentais veem dispensando à realização da primeira Exposição Colonial Portuguesa, carecem de ser conhecidos de todos os portugueses, mesmo daqueles que, nos mais recônditas aldeias do nosso país, labutam e contribuem com o seu esforço físico ou intelectual para o engrandecimento da sua terra.

Lembra esta Direcção — e ouza esperar da esclarecida inteligência de V. Ex.ª o apoio à sua ideia — que uma eficiente e proveitosa propaganda poderia ser lançada através da Administração Geral dos Correios, fazendo-se uma emissão especial de selos postais, com aplicação obrigatória dentro do período que decorre de Abril a Outubro do corrente ano.

Sem encargos para os respectivos serviços, a Administração Geral dos Correios contribuiria assim para uma benéfica propaganda da qual resultaria, sem dúvida, vantagens que desnecessário se torna encarecer, facilitando ainda aos filatelistas a aquisição dum selo que ficará sendo um padrão comemorativo do importante certame que há-de marcar como expoente máximo do valor que Portugal representa como potência colonial.

Na esperança de que V. Ex.ª apreciara convenientemente a sugestão que temos a honra de apresentar e que procurará dar-lhe realização, pedimos venia para endereçar a V. Ex.ª as nossas mais cordiais saudações. — A Bem da Nação — O presidente da Direcção. (a) Raul de Sousa Ferreira.

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Angola — Blé: Monumento ao grande Português Silva Porto, vendo-se ao fundo o edificio da Administração.



Informação da quinzena

O que se faz para a Exposição

Exposição Histórica promovida pelo Município

Por ocasião do certame colonial, a Câmara Municipal do Pórtó realizará uma exposição histórica, que constará de dez grupos, assim distribuídos:

Grupo I — Plantas e vistas gerais do Pórtó antigo.

Grupo II — Topografia portuense do século XVI ao século XVIII. (Aspectos citadinos, muralhas da cidade, edifícios, etc.).

Grupo III — O Pórtó no século XIX. (Vistas, edifícios, pontos, factos históricos, aspectos da vida social, etc.).

Grupo IV — Cenas históricas, recordações, retratos. (Até à primeira metade do século XIX).

Grupo V — Bandeiras. (Da Câmara, dos navios, das corporações).

Grupo VII — Moedas e medalhas. (Cunhadas no Pórtó, alusivas a factos portuenses).

Grupo VIII — Cerâmica. (Peças de carácter etnográfico ou histórico).

Grupo IX — Jornais do século XIX. (Especialmente ilustrados).

Grupo X — Gráficos da área da cidade e sua população em diferentes épocas. (Época das navegações, princípios do século XIX, actualidade).

Durante a exposição histórica, que é a primeira vez que se realiza nesta cidade, serão promovidas conferências públicas.

Os conferentes dissertarão, respectivamente, sobre as várias manifestações históricas designadas nos dez grupos.

A organização da Exposição está confiada aos srs. Prof. dr. Mendes Corrêa, drs. Artur de Magalhães Bastos e Pedro Vitorino.

Excursão brasileira

A direcção da Exposição acaba de sugerir à comissão organizadora da Excursão Artística e Literária Brasil Feminino, a frente da qual se encontra a distinta escritora D. Ivela Ribeiro, a conveniência de ser adida aquela excursão a Portugal, para o período do funcionamento do certame.

Visitantes de Paris

O director-técnico da Exposição recebeu uma comunicação de Paris, informando que estão, ali, em organização vários grupos para visitar o certame.

Parada Agrícola

A Direcção da Exposição solicitou da C. P. concessões para transporte de materiais e passajeiros, com destino à Parada Agrícola, que se efectuará, por ocasião do certame.

Excursões de estudo e de recreio

Os directores de vários estabelecimentos de ensino do país, pediram à Agência Geral das Colónias e à direcção técnica da Exposição auxílios para os seus alunos efectuarem excursões de estudo e de recreio a esta cidade.

Espera-se que o Ministério da Instrução inscreva um subsídio no próximo ano económico para auxiliar as referidas excursões escolares.

Congresso de Ciência Militar Colonial

Por iniciativa do sr. brigadeiro Schiapa de Azevedo, comandante da 1.ª Região Militar, deve realizar-se, por ocasião da Exposição, um Congresso de Ciência Militar Colonial, que será o primeiro que se realiza em Portugal e cuja organização está dependente do Ministério da Guerra.

Artistas que trabalham na Exposição

Estão, presentemente, a trabalhar na Exposição, em diversas das suas modalidades, os artistas Henrique Mouton Osório, Leal da Câmara, Raul Lino, Abel Moura, Ventura Júnior, Octávio Sérgio, Sousa Caldas, Saul de Almeida, José Luis Brandão, Armando Ferreira, Ponce de Castro, Vitória Pereira, Manuel de Oliveira, Mário Reis, Roberto Santos, Ernesto Ferreira da Silva, Tomaz Costa, Manuel Cruz, Rebelo Júnior, Eduardo Malta, Carlos Carneiro, Lázaro

Côrte Real, Armando Correia, Rui Real, Manuel Guimarães, Gosta Mota, Renato Boaventura, César Augusto, Ferreira da Costa e Roberto Araújo.

Cinquenta por cento destes artistas trabalharam já para as exposições seguintes: Produtos tropicais, Paris, 1927; Exposição Ibero-Americana de Sevilha, 1929; Exposição Internacional Colonial e Marítima de Anvers, 1930; Exposição Internacional Colonial de Paris, 1931; Secção Colonial da Exposição dos Produtos portugueses em Vigo, 1932; Feiras de Amostras Coloniais em Luanda e Lourenço Marques, 1932; e Exposição Industrial Portuguesa, de Lisboa, 1932-33.

Banquete de confraternização dos antigos oficiais combatentes das campanhas de África

O sr. Ministro da Guerra concedeu cinco dias de licença sem prejuízo para o serviço e sem dispêndio para a Fazenda Nacional, a todos os oficiais, antigos combatentes das campanhas de África, que desejem tomar parte no banquete de confraternização que, durante a Exposição, se realizará no Pórtó.

Cabo aéreo

Vão principiar, dentro em breve, os trabalhos da construção do cabo aéreo, que vai da Rua da Restauração ao princípio da antiga Avenida das Tílias, no parque do Palácio das Colónias.

Representação de Angola

Ao Palácio chegaram, já, mais alguns volumes, contendo valiosos elementos de representação da Colónia de Angola.

A Associação dos Comerciantes do Pórtó e a propaganda da Exposição

Para facilitar ao comércio, que tem relações com a Província e com o Estrangeiro, a melhor forma de se fazer uma eficaz e proveitosa propaganda da Exposição Colonial, a direcção da Associação dos Comerciantes do Pórtó resolveu ceder aos comerciantes desta cidade, associados ou não associados, que, para tal fim, se requisitem, na respectiva secretaria, Rua de Sá da Bandeira, 303, zinco-gravuras com as quais poderão mandar imprimir, nas costas dos sobrescritos e nos postais, dizeres apropriados de *reclame*.

Cede, também, ao comércio etiquetas para serem coladas em volumes, bem como cartazes para serem colocados nos vidros e nas montras dos seus estabelecimentos.

Devem os comerciantes, no seu próprio interesse, auxiliar esta propaganda, utilizando-se, assim, dos valiosos serviços que esta colectividade, gratuitamente e num louvável intuito, lhes está proporcionando.

A direcção da Associação dos Comerciantes do Pórtó mandou, também, confeccionar artísticos cartazes de reduzidas dimensões, próprios para serem afixados nos vidros dos automóveis e que estão à disposição de todos os automobilistas, profissionais ou amadores, que os queiram requisitar, na secretaria desta colectividade, acima indicada.

A mesma direcção, que, extremamente, se tem interessado pelo bom êxito da Exposição, conseguiu, mais, após ativas e persistentes diligências, que a afixação dos vários cartazes a que aludimos seja levada a efeito por todas as companhias ferro-viárias do Continente, Ilhas e Colónias, pela Companhia Carris de Ferro de Lisboa e pelos Serviços Municipalizados de Coimbra e Braga.

Para afixação desses cartazes nos automóveis recebeu, já a mais dedicada colaboração do Automóvel Club de Portugal e *Casa dos Chauffeurs*, do Pórtó.

Para a colocação de cartazes nos estabelecimentos do Continente, Ilhas e África, tem recebido, também, as mais francas adesões das associações comerciais de vários pontos do País e das Colónias.

Aquela Associação mandou fazer um cartaz especial para ser afixado nas montras de estabelecimentos do país vizinho, tendo recebido das associações dali a sua colaboração nesse sentido.

A atitude patriótica da Associação dos Comerciantes do Pórtó tem merecido os melhores aplausos, tendo o sr. ministro das

Colónias felicitado, justamente, a direcção daquele organismo pelo simpático e exemplar esforço que vem desenvolvendo, em favor do futuro certame.

Concurso Internacional de Tiro aos Pombos

Além do Concurso de Tiro entre as Nações Coloniais, está-se estudando a possibilidade de efectuar, por ocasião do certame, um grande Concurso Internacional de Tiro aos Pombos.

Carta-circular aos expositores

Pelo director técnico da I Exposição Colonial Portuguesa foi dirigida aos expositores inscritos a seguinte carta-circular assinada pelo Director-técnico Sr. Henrique Galvão:

«Ex.^{ma} Senhor: — Pessoas pouco habituadas a trabalhar, e com o vício de falarem de mais, espalham, não se sabe com que intenção, que a Exposição Colonial não poderá ser inaugurada na data anunciada, isto é, em 15 de Junho.

Como o boato pode induzir em erro os Senhores Expositores, mais uma vez se desmente que esteja previsto qualquer adiamento. Os trabalhos correm regularmente e estão concluídos a tempo, por mais que pese aos derrotistas.

Os Senhores Expositores que ainda não começaram os trabalhos devem iniciá-los quanto antes, pois a pontualidade de inauguração será observada e cumpridas inflexivelmente as disposições regulamentares que impõem aos Senhores Expositores a conclusão dos trabalhos em 15 de Junho, sob pena de eliminação.

É necessário dar, pela primeira vez em Exposições, um exemplo de ordem e pontualidade, pelo que se apela para todos, no sentido de concorrerem, não só com o brilho das suas representações, mas também com o equilíbrio e a seriedade reconhecidas das suas organizações.»

Representação militar de Moçambique e Angola

A Companhia de Landins de Moçambique e a banda da Companhia Indígena de Angola, que representam a tropa negra, no certame, devem estar em Lisboa a 28 de Maio próximo, para figurar na parada militar que nessa data, se efectuará, ali.

Nomenclatura dos arruamentos da Exposição

Em todos os arruamentos dos jardins do Palácio de Cristal, foram colocadas placas de esmalte, de diferentes cores, com os nomes das Ilhas e Colónias portuguesas.

Representação do Banco de Angola

Visitou, há dias, as obras da Exposição o sr. major Mendes do Amaral, governador do Banco de Angola, que esteve a tratar de assuntos que se relacionam com a representação daquele organismo económico no certame.

Espectáculos teatrais de propaganda colonial

Durante o certame será representada no Teatro Gil Vicente, por uma companhia organizada pela grande actriz Amélia Rey Colaço, uma revista-festa da autoria dos ilustres escritores Pereira Coelho e Matos Sequeira e do nosso camarada Hugo Rocha.

Esteve, há dias, no Palácio, a conferenciar, sobre esse assunto, com o director-técnico da Exposição, o actor Robles Monteiro director da companhia que deve representar, acrescida de vários outros elementos de grande relevo no teatro ligeiro, aquela obra de propaganda colonial.

Visita do sr. Ministro da Marinha

Esteve, há dias, nesta cidade, o ilustre titular da pasta da Marinha, sr. comandante Mesquita Guimarães, que, acompanhando a sua presença na capital do Norte, visitou as obras para a I Exposição Colonial, no antigo Palácio de Cristal.

O sr. comandante Mesquita Guimarães foi acompanhado, durante a visita que fez, pelo director adjunto do certame, sr. Mimoso

UM CASO LIQUIDADO...

A HUNGRIA

não reconhece idoneidade ao "húngaro" que acusou o colonialismo português

O ministério dos Estrangeiros enviou, há dias, para os jornais, a seguinte informação:

«Referiu-se recentemente a Imprensa portuguesa ao aparecimento de um livro intitulado *La Mise en valeur des Colonies Portugaises*, atribuindo ao seu autor, o sr. Elemer Bohm a nacionalidade húngara.

A este propósito dirigiu-se a Legação da Hungria ao Ministério dos Negócios Estrangeiros comunicando que o sr. Elemer Bohm é completamente desconhecido nos círculos oficiais e científicos húngaros.

A Legação da Hungria foi devidamente autorizada a declarar ao Governo português que o Governo húngaro animado do melhor sentimento de amizade pela nação portuguesa, ignorava em absoluto, a composição ou publicação do referido livro e que desconhece o seu autor.»

Este Elemer Bohm era um estudante em Genebra que pretendeu defender tese na Faculdade de Direito daquela cidade.

O sr. Rappard, eminente reitor da referida Universidade e antigo director da secção dos Mandatos da Sociedade das Nações não lhe aceitou a tese por a não julgar digna de ser discutida naquela Universidade.

Foi então para Lille o sr. Elemer Bohm, onde encontrou menos escrúpulo e mais complacência a ponto do reitor, levanamente, lhe ter prefaciado o escrito.

Moreira, que lhe patenteou tudo quanto no magistoso recinto, está sendo realizado.

Tendo percorrido, detidamente, as nave e o parque do futuro Palácio das Colónias, aquele membro do Governo afirmou o seu júbilo em poder verificar o progresso das obras em curso para o grandioso certame nacional, felicitando, ainda, a direcção da Exposição pelo esforço que tem dispendido.

Parque Zoológico

Vão começar, muito em breve, as obras da secção zoológica, na Rua do Palácio, onde serão expostas feras, constituindo esse parque um dos atractivos mais pitorescos e interessantes da Exposição.

Inscrição de Expositores

É elevado o número de expositores da Metrópole e das Colónias e Ilhas que vão participar no certame, demonstrando, assim, o interesse que o grande empreendimento tem despertado.

De harmonia com o regulamento da Exposição, enquerrou-se, já, definitivamente, a inscrição de expositores. O número destes excede a expectativa, pois se elevam a cerca de 300 stands que figurarão nos jardins do antigo Palácio de Cristal.

A Imprensa estrangeira e a Exposição

Continuam alguns dos principais jornais estrangeiros a referir-se ao certame, endereçando-lhe expressões elogiosas num sentido de boa propaganda.

Pavilhões de propaganda turística

Prosegue, com actividade, a construção dos pavilhões de Turismo Metropolitano e de Caça e Turismo Coloniais.

Conselho de Estética e Urbanização

Os membros do Conselho de Estética e Urbanização visitaram, há dias, as obras da Exposição.

"A Exposição Colonial Portuguesa, o Comércio e a Indústria"

Com este título, realizou em 14 de Março findo, o distinto engenheiro sr. Armando Xavier da Fonseca uma esclarecida conferência no salão da Associação Commercial e Industrial de Viseu.

Depois de elogiar a publicação do Acto Colonial da autoria do sr. Presidente do Ministério, o conferencista proclama a necessidade de intensificar a propaganda colonial na Metrópole e exalta, com a justiça devida, a acção do sr. dr. Armando Monteiro na gerência da pasta das Colónias.

Põe em relêvo, num convincente esboço, o valor histórico, geográfico e económico de cada uma das províncias do Ultramar e elogia a iniciativa da realização da Exposição no Pôrto, que considera «centro da maior actividade fabril do país e região mais densamente povoada, de onde hão de ir os caudais portugueses aos quais incumbirá a colonização firme do nosso vasto império de Além-Mar».

«Mas, dirão os revoltosos do pensamento: que pode interessar a Viseu a Exposição Colonial do Pôrto, ou que pode interessar a Viseu a propaganda colonial?» — exclama o sr. engenheiro A. Xavier da Fonseca.

«Em tôdas as nossas colónias, — continua — o distrito de Viseu tem filhos seus. A qual dêles foi até hoje pedido que consumisse artigos de Viseu?»

«Ora é esta propaganda que tem de se fazer e se a nossa Associação Commercial e Industrial não pode pagar viagens a associados seus que como embaixadores vão às nossas Colónias mostrar os produtos que lá podem ser consumidos, pode desde já fazer a propaganda desses produtos. De uns escudos mensais passar-se-á a algumas centenas e não tardará que tenhamos o nosso lugar marcado na exportação para as Colónias.»

«É uma obra patriótica ajudar o Governo que nos abriu as barreiras alfandegárias das nossas Colónias, permitindo que se distribua por todo o país um contingente de mais de 600 mil contos que as Colónias precisam importar hoje e que ia a maior parte para o estrangeiro.»

O conferencista demonstra a maneira da indústria e do comércio de Viseu concorrerem aos mercados ultramarinos portugueses e conclui o seu valioso trabalho com as seguintes palavras:

«De olhos fitos no altar da Pátria, vendo-a a caminho de uma resurreição que é obra no País do sr. dr. Oliveira Salazar e nas Colónias do respectivo ministro sr. dr. Armando Monteiro, conseguindo ver Portugal ativo, respeitado e forte, louvo a sua dedicação, reconheço-lhe os altos serviços e assim obedeço e combato a Bem da Nação e da República.»

ULTRAMAR é largamente distribuído pelas Colónias, consulados e casas de Portugal no estrangeiro, centros de turismo, estabelecimentos de cultura e ensino oficiais e particulares, associações comerciais, agremiações, organismos coloniais, etc.

Interesses coloniais

Pelo Ministério das Colónias

O sr. Ministro das Colónias nomeou uma comissão composta dos srs. dr. José Manuel de Oliveira e Castro, Ernesto Gois Pinto, Plínio Tinoco, Manuel Pinheiro, Sousa Ribeiro e Denis Soares, para elaborar um novo regulamento de Fazenda e Contabilidade Pública das Colónias, tendo, no seu gabinete, reunido a referida comissão, à qual transmitiu os seus pontos de vista e as directrizes do trabalho a realizar.

Orçamentos de Moçambique e Angola

O sr. ministro das Colónias com o sub-secretário de Estado das Colónias, com o chefe da repartição de Fiscalização financeira e com o director geral da Fazenda de Moçambique, tem trabalho no orçamento daquelle provincia.

— Segundo telegrama recebido no Ministério das Colónias, o orçamento de Angola para 1933-34, pode detalhar-se assim: Receita ordinária, 146:700 contos; extraordinária, 3.323 contos; despesa líquida, ordinária, 131:632 contos, extra 3:983 contos; superavir 8:438 contos.

O príncipe Jorge de Inglaterra em Angola

Por ocasião recente estada no Lobito, onde foi recebido com tôdas as honras, o príncipe Jorge de Inglaterra recebeu das mãos do governador geral de Angola a grã-cruz de Ordem do Império Colonial Português. Por sua vez, o príncipe entregou a aquele alto funcionário as insignias do grande Oficialato de Ordem do Império Britânico.

Na residência do governo foi servido um banquete, tendo-se trocado entre o príncipe Jorge e o governador geral brindes em que a amizade que une Portugal e a Grã-Bretanha foi mais uma vez acentuada.

É o seguinte o discurso que Sua Alteza pronunciou:

«Agradeço penhoradíssimo ao Governo português o convite oficial que me fez para visitar a vossa rica e interessante colónia, e bem assim a Grã-Cruz da Ordem do Império Colonial Português com que quis condecorar-me, honraria que muito me sensibiliza.

Atravessando o planalto de Catanga à baía do Lobito, fiquei vivamente impressionado pela riqueza desta parte de Angola e não dúbido que a linha férrea de Benguela venha a contribuir poderosamente para o progresso do vosso futuro económico. Felicito-vos pelo vosso soberbo pôrto, tão modernamente apetrechado, um dos mais belos com que a natureza dotou a costa oeste africana. Situado a doze dias apenas dos centros europeus, a sua expansão e o seu futuro assegurados pela nova linha que não só abre um mais rápido escoadouro às riquezas mineiras de Catanga, mas também, e assim ardentemente o desejo, facilitará o desenvolvimento dos vossos próprios territórios e dos do centro de África.

Com o maior prazer verifico que as relações entre Portugal e a Grã-Bretanha cada vez são mais estreitas. Agradecendo a vossa hospitalidade, levando a minha taça em respeitosa homenagem ao sr. Presidente República Portuguesa, pela grandeza do Império Colonial Português e por S. Ex.ª o sr. governador geral de Angola.

E antes de findar o banquete, o Príncipe Jorge disse ainda em português o seguinte: «Desejo formular mais uma vez o meu voto auspicioso pelas prosperidades da linda e grande colónia de Angola.»

De bordo do «Windsor Castle» enviou o Príncipe ao governador geral da Provincia o seguinte telegrama:

«A' partida de Angola, devo exprimir-

-lhe a si e ao Governo português os meus mais sinceros e reconhecidos agradecimentos pelas muitas amabilidades que recebi durante a minha visita. Satisfezo-me muito a viagem por Angola e devo agradecer-lhe pessoalmente a sua amável hospitalidade, desejando à sua colónia tôdas as prosperidades. — Jorge».

A este telegrama respondeu o governador com o seguinte rádio:

«Agradecendo com infinito reconhecimento o vosso amável telegrama, de que darei conhecimento ao meu Governo, faço votos por que V. Alteza tenha uma excelente viagem».

A produção de café

A maioria das nossas Colónias já enviou ao Ministério das Colónias a resposta ao questionário solicitado pelo governo do Brasil sobre os seguintes pontos:

Número de cafezeiros em produção, número de cafezeiros novos, presente a situação económica dos cafeicultores, quais as perspectivas sobre as novas plantações ou abandono das antigas, e, nesse caso, em que escala, exportação e produção de café em 1932 e estimativa em 1933.

INDIA

O governo da Índia enviou 300 contos para pagamento dos encargos da colónia na Metrópole.

TIMOR

O Conselho Superior das Colónias, vai emitir o seu parecer acerca do projecto de diploma, que extingue a companhia mixta

de policia militar de Timor e substitui essa companhia por uma de caçadores.

ANGOLA

O governador de Angola vai, em vista de haver terminado a época das chuvas, organizar com elementos existentes na colónia, comissões para os estudos hidráulicos destinados à irrigação dos campos, para assim se promover ainda mais o desenvolvimento agrícola da colónia.

— O mesmo governador propôs a nomeação de alguns professores provisórios para o bom funcionamento do liceu de Luanda, que abre as suas aulas em 7 do corrente.

— Vão ser activados os trabalhos de construção do Caminho de Ferro de Amboim até Gabela, para o que vai encomendar-se material circulante moderno. Serão assim satisfeitas as justas aspirações das vilas de Pôrto Amboim a Gabela.

CABO VERDE

Foi assinado com a Caixa Geral de Depósitos o contrato do empréstimo de quinze mil contos para as obras de fomento em Cabo Verde, como seja arborização, irrigação para o desenvolvimento da agricultura, compra de um barco para o serviço de cabotagem entre as diferentes ilhas, construção e reparação de estradas, construção de edificios para escolas, etc.

Por parte daquela Colónia assinou o contrato o capitão sr. João do Carmo, que está exercendo o cargo de Chefe da Repartição de Cabo Verde e Guiné, do Ministério das Colónias.

— Vai tomar um grande desenvolvimento a cultura do tabaco no arquipélago de Cabo Verde.

O movimento comercial de Angola em 1933

O esforço desenvolvido pelos produtores

Informa o nosso colega *A Provincia de Angola* que «A Colónia importou o ano passado, em números redondos, 175 mil contos e exportou 246 mil, o que dá um saldo positivo da balança comercial de 71:000 contos. No ano anterior estes números foram, respectivamente 191 mil, 199 mil e 8 mil contos. Assim e sob reserva de qualquer rectificação, Angola importou em 1933 menos 16 mil contos que em 1932, exportando mais 47:000 contos. O movimento geral, incluindo importação, reexportação, baldeação e trânsito atingiu, o ano passado 544 mil contos contra 493 mil no ano precedente, mais 151 mil contos, portanto. O rendimento aduaneiro foi de 42:638 contos. Por estes números se constata a importância do esforço que os produtores tem desenvolvido, a-pesar-de tôdas as dificuldades derivadas da crise mundial e de tôdas as circunstâncias desfavoráveis que lhe tem tolhido a expansão».

A revista *Portugal Colonial*, que se publica em Lisboa, vai organizar três números especiais dedicados à I Exposição Colonial Portuguesa, obedecendo ao plano seguinte:

- 1.º — Monografias de tôdas as Colónias Portuguesas sob o ponto de vista económico.
- 2.º — Estudos sobre as possibilidades de aumento das exportações metropolitanas para as colónias.
- 3.º — Estudos sobre o regime pautal das mercadorias mais interessantes ao inter-câmbio comercial do Império.
- 4.º — Estudos acerca do aperfeiçoamento das comunicações ordinárias, ferroviárias e marítimas e das relações telegráficas, telefónicas e postais do Império. Pretes e taxas.
- 5.º — Estudos técnicos sobre: Propaganda, embalagens e preparações especialmente destinadas às colónias.
- 6.º — Política de trabalho indigena.
- 7.º — Estudos sobre os mercados estrangeiros para os nossos produtos coloniais.
- 8.º — Vida colonial: Os usos e costumes indigenas: Arte indigena. A vida dos colonos europeus no Ultramar. A hygiene e a salubridade nas colónias. Os trabalhos de fomento económico. As actividades científicas nas colónias portuguesas. Estatísticas de interesse colonial.
- 9.º — A Exposição Colonial Portuguesa de 1934: O Palácio da Exposição. As representações das colónias. Os congressos da Exposição. A arte e as curiosidades coloniais na Exposição. A história e a literatura colonial. Os expositores e os seus produtos.

O grande cortejo do Portugal "pequeno"

Veem a caminho da Metrópole os primeiros naturais das colónias para a Exposição do Pôrto. E são da mais longínqua colónia — a de Timor, êsses nativos, que se destinam a colaborar na grande demonstração etnográfica do certame.

Não é um facto banal, êste, da reunião, na Mãe Pátria, de representantes de tôdas as colónias portuguesas. Pela primeira vez essa circunstância se verifica e leva a pensar, como sendo Portugal uma potência colonial, só agora, para um acontecimento que promete revestir-se de grandeza e significado, essa reunião foi promovida.

E' verdade que tem vindo separadamente nativos à Europa. Mas episódicamente, sem o objectivo que se marca agora de reunir, a um tempo, representantes de várias raças africanas, indús, chineses e malaios, testemunho eloquente da expansão luzada, argumento supremo da soberania portuguesa.

Estão também em vésperas de partida os contingentes militares de Moçambique e de Angola.

Pela primeira vez uma companhia indígena de landins, em formação regulamentar, pisa solo europeu. Soldados landins, são colaboradores com tradições de brio e valentia, cooperadores da manutenção da soberania portuguesa no território da sua própria colónia, na de Angola, na de Timor. Vamos ter ocasião de os ver, espadadados, desempenados, arrogantes a um tempo e ingénus no fundo, marchando com aspecto marcial e sorrindo, francamente, vaidosos da sua missão. Assim se apresentaram em Paris, na recente Exposição Colonial Internacional, os que ali mandamos, marcando com bonhomia uma nota simpática de bons negros obedientes e apurados, orgulhosos de se dizerem «portugueses».

Voltam à Metrópole os da «primeira indígena de Angola», aclamados o ano passado na parada militar, comemorativa do aniversário do 28 de Maio, onde novamente desfiliam. Tropa negra, modelarmente disciplinada, ela vem radicar o prolongamento da Pátria e recordar os feitos dos nossos antepassados — os tempos da conquista, das campanhas, dos sacrifícios e abnegações.



Antigamente iam os nossos até às paragens africanas; agora, pacificadas as colónias, são os seus naturais que veem até nós, mostrar a metamorfose... Rebeldes de ontem, agentes de ordem hoje.

Também vamos observar novamente os indígenas da Guiné, que há cerca de 2 anos, a Agência Geral das Colónias trouxe a Lisboa, para relêvo da «Secção Colonial» que montou na Grande Exposição Industrial Portuguesa. Desta vez não veem só «fulas», mas indígenas de outros povos e raças. Como veem naturais de Cabo-Verde, «tongas» de S. Tomé, congolenses da Damba, ganguelas, muilas e quicocos angolanos, landins e chopes de Moçambique, mouros da Índia e macaístas chineses.

As aldeias, prontas uma, em via de conclusão outras, no parque do Palácio de Cristal, vão recolher e agrupar, num exotismo inédito para Portugal, invulgar e até impossível para muitos países europeus, aborígenes de territórios longínquos, de várias gradações de civilização, desde os gentios que pela vez primeira tem contacto com a civilização a outros que possuem já determinados conhecimentos e princípios de educação.

Tudo isto constitue, como não podia deixar de ser considerado, um forte motivo de atracção para a Exposição Colonial do Pôrto, paralelo à demonstração didáctica e decorativa que está sendo montada. Este aspecto quisemos focar neste artigo de hoje, como se fôra mais um capítulo da série que neste lugar há alguns meses e a propósito do certame, temos publicado.

Fechamo-lo com a divulgação dum propósito, ainda em premicias de realização, mas em princípio projectado. Trata-se da realização dum cortejo, para percorrer as ruas da cidade do Pôrto, em dia ainda por fixar, glorificando a expansão portuguesa.

Nesse curso tomam parte representantes de tôlas as províncias de Portugal, das ilhas adjacentes e das colónias portuguesas, todos com costumes regionais. Deputações do exército e da armada, com equipamentos coloniais, representantes de escolas, organismos, associações e empresas com ligações ou objectivos de acção no ultramar, antigos combatentes, etc., serão convidados a incorporar-se.

Promover-se-á a figuração dos processos de transportes utilizados no ultramar nos últimos quarenta anos e de alguns costumes exóticos, danças e orquestras caracteristicas, bandeiras e pendões com variado significado, flores e frutas regionais, tudo quanto fôr possível reunir para uma grande demonstração de poderio e de pitoresco.

Por muitos motivos a realização desta ideia constituirá um espectáculo formidável de cor, de exotismo e, indiscutivelmente, de novidade, concedendo ao Pôrto a primazia dum grande reunião de portugueses de quatro continentes — se alguns residentes na América não quiserem vir associar-se à manifestação, reunindo-se num grupo para assinalar que a expansão dêste pequeno País, territorialmente considerado, se estende por todo o Mundo!

MIMOSO MOREIRA.

Do Jornal do Comércio e das Colónias

Uma reliquia da nossa Marinha de Guerra

Vai desaparecer o "Adamastor"

que passou a maior parte da sua existência nos mares coloniais

Foi, há dias, arrematado o casco do histórico «aviso» *Adamastor* que foi adquirido, após o *ultimatum*, por subscrição nacional. Este vaso de guerra, que cumpriu importantes missões de serviço, navegou desfraldando o pavilhão nacional, em todos os mares do mundo.

Adamastor esteve na campanha do Rovuma, sob o comando de Freitas Ribeiro e, em 5 de Outubro, sendo seu comandante o actual almirante Mendes Cabeçadas, fez fogo sobre a cidade, tomando, assim, parte activa na revolução que derubou o antigo regime. A fôlha de serviços do *Adamastor* é grande, tem páginas brilhantes e, na última estadia no Oriente, tomou parte no conflito sino-japonês, e teve a honra de arvorar, em Changai, o distintivo de comandante das forças navais portuguesas.

No regresso para Portugal, parou em vários portos e parece que a natureza quis experimentar as forças do velho «aviso», porque um grande temporal o açoitou. O *Adamastor*, porém, resistiu, serenamente, ao embate das vagas, como que a provar que tinha poder para resistir e para se manter no activo.

O *Adamastor* entrou, no Tejo, pela primeira vez, em Agosto de 1897 e, 36 anos depois, em Junho do ano passado, o velho «aviso», depois da sua larga estadia no Oriente, ingressou, pela última vez, no porto de Lisboa, sob o comando do sr. capitão de fragata Goulart de Medeiros.

E', portanto, uma verdadeira reliquia da actividade marítima de Portugal nas Colónias, o barco que acaba de ser eliminado do efectivo da nossa armada.

ULTRAMAR

vende-se em Lisboa na
TABACARIA MONACO

A Estação Zootécnica da Humpata, situada no planalto de Huila, é um dos marcos de assistência pecuária de maior prestígio de Angola. Estabelecimento de rendimento e de acção fomentária delineado e construído sob os mais modernos processos, a Estação da Humpata deve o seu progressivo desenvolvimento e actual estado ao trabalho de iniciativa e organização do engenheiro-agrônomo sr. dr. Abel Pratas e, ainda, ao esforço do



sr. tenente Henrique Galvão, quando governador da Huila. Damos quatro aspectos dêste modelar estabelecimento, que é, também, a maior propriedade agrícola da Huila, onde se disfruta um clima notavelmente saudável. A direita: em cima, manadas de vacas holandesas; e em baixo, a enfermaria do gado. A esquerda: Em cima, o bairro indígena; e em baixo, o «court» de «tennis» dos funcionários da Estação Zootécnica.